



ARISTOCRACIA ESPANHOLA PELA ÓTICA DA DÉCADENCE

Gabriel Ramires S. S. Augusti¹

Constituída no final do século XV, a Espanha enfrentou duas grandes mudanças drásticas, a unificação de seu território na região ibérica e sua chegada às américas em 1492. Os conceitos originados, numa narrativa posterior aos fatos, demonstram que o esplendor, é na realidade a *décadence*, compõe um imaginário saudoso de um passado distante, no qual seria glorioso, se não fosse igualmente trágico e lamentável.

Retomando á questões morais e trazendo em evidência o “nascimento da tragédia”, este artigo vai trabalhar conceitos de Nietzsche no trecho do Capítulo: Centralização Monárquica: Antinomia entre o “Político” e o “Econômico” de Yvone Dias Avelino no livro “Mercadores-banqueiros na conjuntura comercial da América dos Áustrias”, compondo assim, categorias de análises sobre a Aristocracia espanhola.

Os Espanhóis

A região ibérica, durante a idade média, se dividiu em diversos reinos e ducados, tanto de cristãos quando dos mulçumanos, com poderes locais e descentralizados entre si. Isto foi um cenário que proporcionou uma abertura para qualquer um que quisesse centralizar o poder, a construção de um reino que unisse a todos seria difícil, mas o caminho estava em aberto. No primeiro trecho a ser analisado da Avelino representa como esses caminhos seriam traçados:

¹ Graduando em História pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP). E-mail: gsoares.augusti@hotmail.com. ORCID: 0000-0002-8795-7168.

Encadeamentos de fatores regularam e compassaram o processamento do sistema da centralização monárquica em Espanha. O aumento dos domínios senhoriais, adquirindo os governantes lentamente novos territórios por compras, casamentos ou conquistas guerreiras, e estabelecendo-se o princípio da primogenitura, contribuiu sobremaneira para a unidade peninsular espanhola. Ademais, à medida que se ultimava a Reconquista cristã de terras e águas, decaía a belicosa cavalaria medieval, que se transformava, cada vez mais acentuadamente, numa fidalguia palaciana.

De fato, que o principal agente responsável por unificar a parte espanhola foram os cristãos, que se sobrepõem aos vizinhos muçulmanos e militarmente ocupam suas terras, e os expulsam. Tal movimento dado como “Reconquista”, de territórios que antes eram ocupados pelos mais variados povos, não predominado pelos cristãos, ou seja, a Reconquista é apenas a ideia de uma unidade territorial que não existia, mas passou a existir depois que fora ocupada por um agente militarista, mesmo que o termo tenha sido cunhado séculos depois dos acontecimentos.

Este movimento de unificação, começa a aparecer na Europa ocidental em torno das unidades territoriais cristãs, que para se constituírem como poder hegemônico instituem o chamado Estado Nacional:

O fenômeno não é apenas espanhol. Ele se encontra, semelhante e contemporâneo, em seu incremento político e em sua propagação idealista, na Europa Ocidental e cristã, comprovado com o aparecimento de outros estados modernos, Portugal, França e Inglaterra.²⁸

Nesta formação de uma nova organização social ibérica, nascem novas lideranças, que no caso será a de Castela, mesmo estando fragilizada, consegue se manter de forma hegemônica quando a Aristocracia Castelhana se une com a Aristocracia Aragonense. Mesmo parecendo algo bem estável, até mesmo seu vizinho, Portugal colocará em questão esta unificação.

Cinco anos após esse enlace matrimonial, em 1474, morreu Henrique IV de Castela. Isabel, sua irmã, apresentou-se, apoiada por grande parte da nobreza castelhana, como pretendente à Coroa, em detrimento de sua sobrinha, D. Joana, havida por filha adúltera, e cujo partido o Rei de Portugal, Dom Afonso V, sustentava na esperança de, casando-se com ela, constituir o único Estado Moderno peninsular. A Batalha de Toro, em 1476, assegurou o trono à Isabel. Três anos depois, em 1479, com a subida de Fernando, por morte de seu pai, ao trono de Aragão, a centralização monárquica deu começo à existência política do reino de Espanha.³⁰

Deste evento, origina-se a Espanha, que assim como muitos outros Estados Nacionais serão estruturas de poder que ainda se basearão em relações feudais, seja pela religiosidade ou pela divisão das classes sociais. O que trará movimentos de pensadores, os Iluministas, questionarem ou justificarem as várias formas de poder correlacionadas com a sociedade e as Aristocracias.

Sobre a reflexão feita neste artigo, será do questionamento não só da legitimidade aristocrática, mas também da crítica ao pensamento nietzscheniano em torno do conceito de *décadence* e a própria manutenção deste modelo de sociedade, assim também sobre a consideração do que seria uma degeneração do ponto de vista de um questionamento do poder.

A Décadence, Aristocracia e Nietzsche

Originado pela crítica ao Sócrates, passa para crítica ao Cristianismo e termina na racionalidade, a *décadence* ou seres *Décadents* está naquele que questiona as relações de poder através da dialética, segundo Nietzsche. “O Problema de Sócrates”, capítulo do *Crepúsculo dos Ídolos*, que em meio á ofensas, xingamentos e categorias desprovidas de qualquer estrutura de verdade, será dito:

Com Sócrates, o gosto grego muda em favor da dialética: o que realmente acontece aí? Sobretudo, um gosto *nobre* é derrotado; a plebe ascende com a dialética. Antes de Sócrates, as maneiras dialéticas eram repudiadas na boa sociedade: eram consideradas maus modos, eram comprometedoras. Prevenia-se a juventude contra elas. Também se desconfiava de quem apresentasse suas razões dessa maneira. Coisas honestas, da mesma forma que pessoas honestas, não levam suas razões assim nas mãos. É indecoroso mostrar todos os cinco dedos. Aquilo que primeiro precisa ser demonstrado não vale grande coisa. Em todo lugar em que a autoridade ainda faz parte dos bons costumes, em que não se ‘fundamenta’, mas se ordena, o dialético é uma espécie de palhaço: as pessoas riem dele, não o levam a sério. – Sócrates foi o palhaço que se fez levar a sério: o que realmente aconteceu aí?

Para Nietzsche o questionamento de uma autoridade da nobreza, é o fim de uma sociedade, uma terrível ação que culminará na desgraça da ascensão da temida “plebe”. Isso será considerado uma *décadence*, um ser *Décadent*. Então seguindo esta lógica, Don Afonso IV é um *Décadent*. Mas não está em questão se isso ascenderá uma nova classe social, ou uma nova estrutura de poder. Claro que a ironia está presente neste parágrafo.

O questionamento do poder da Nobreza, muitas vezes partirá dela mesma, ainda mais pensando que há uma possibilidade de se constituir uma república da plebe, como

aconteceu em algumas cidades-estado alemãs durante o mesmo período de formação do Estado Nacional Espanhol. Que não foi o caso da região ibérica. O medo de Nietzsche da *décadence*, está em si mesmo, pois o termo está errado, não em seu significado, mas em sua utilização. *Décadence*, é na verdade aquele que preza pela manutenção de um poder que necessita de uma constante manutenção e que está em queda ou desestabilidade política e militar, como aconteceu na formação da Espanha.



O poder do monarca, da aristocracia, nobreza, é um poder *Décadent*. Não o contrário, o que questiona este poder, independentemente do que se utilizaria da dialética ou de outra estrutura lógica e racional. Não é o Don Afonso que é o *Decadént*, mas o vácuo de poder deixado no trono espanhol. A categoria forjada por Nietzsche, além de criar uma estrutura cúpida para criticar o que seria a dialética, é uma alógica ao próprio

pensamento da filosofia, que se estrutura mais em um saudosismo de uma projeção de um passado, idealizado e pensado de forma discriminadora, do que uma crítica á um tipo de pensamento vigente do século XIX, que é o positivismo. O passado para Nietzsche é glorioso, mas não há glória para os *Décadents*.

Aristocracia espanhola é um poder *Décadent*, pois na sua estrutura de justificativa de manutenção de poder é algo insustentável já no seu princípio, por isso podemos dizer que o Império Espanhol foi um império da *Décadence*.

Conclusão

É necessário subverter Nietzsche, e trazer à tona diversos conceitos válidos, mas mal construídos devido á nebulosidade de épocas. A dialética não nos torna *décadents*, mas nos faz questionar poderes que sim são os verdadeiros *décadents*, e que mesmo tendo sofrido alterações para o materialismo dialético, se torna essencial para o desenvolvimento das ciências sociais. Afinal Nietzsche era um materialista também, o que traz mais um argumento para a crítica das suas obras.

Bibliografia

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos Ídolos**. Tradução de *Götzen-Dämmerung oder wie man mit dem Hammer philosophiert*, Renato Zwick. ISBN: 978-85-254-1916-3. Ano 2009, Reimpressão 2019. Coleção L&PM Pocket, vol. 799.

AVELINO, Yvone Dias. **Mercadores-Banqueiros na conjuntura comercial da América dos Áustrias**. Editora Emanuscritos, 2021. ISBN: 978-65-86723-15-1.